

## 7.

### **Considerações Finais**

A análise dos discursos de pessoas de duas gerações permitiu avaliar o processo de aprofundamento do individualismo nas trajetórias de vida de homens e mulheres, especialmente no que diz respeito aos seus engajamentos no projeto de constituir família, e as mudanças e permanências de padrões sociais. Os resultados indicaram haver um imbricamento entre as transformações nos modelos sociais de trajetória de vida instituídos e nas concepções de família que se constituem.

O recorte metodológico da pesquisa, ao propor a análise conjunta de discursos de pessoas de duas gerações, tornou possível apreender o processo pelo qual tais mudanças vêm acontecendo. De uma forma geral, os resultados da pesquisa apontam que o avanço do individualismo na sociedade provocou a despadronização e individualização das trajetórias de vida e, como consequência, o enfraquecimento de uma concepção de família centrada no casal. Correspondendo a padrões familiares – “rainha do lar” e “provedor da família” – vem deixando de ser o objetivo central das trajetórias de vida de mulheres e homens – mas não sem ambigüidades -, abrindo espaço para que novas possibilidades de realização pessoal se apresentem. Em decorrência disso, instabilidades foram introduzidas no arranjo conjugal tradicional, cuja base era a distinção e complementaridade dos papéis femininos e masculinos. Com isso, o casal vem perdendo a posição de centro da família, abrindo espaço para outras configurações e concepções familiares.

Tomando os discursos de cada geração separadamente, verificou-se que, entre as pessoas da geração de 63 a 69 anos entrevistadas, tanto os homens como as mulheres eram fortemente imbuídos da expectativa de corresponderem ao padrão de mulher “rainha do lar” e de homem “provedor da família”. Nesse sentido, pode-se dizer que o projeto de constituir família ocupava uma posição central em suas trajetórias de vida.

A aceitação das pessoas de tais padrões explica-se como consequência da relativamente pouca penetração do individualismo na sociedade até meados do

século XX. A constituição de um tipo de laço social ainda pouco individualista determinava que as instituições e o valor das tradições se impusessem para o indivíduo. Por isso, o modelo de trajetória de vida exercia forte influência em suas vidas.

A forte padronização da sociedade instituía normas rígidas de distinção dos papéis sociais designados para homens e mulheres e de definição de família. O padrão de assimetria de gêneros instituído para esta geração sustentava o padrão de conjugalidade da época, dentro de um contexto em que a concepção de família tinha o casal como centro.

Uma concepção naturalizada da mulher a tinha como frágil, delicada, propícia aos cuidados às crianças e às outras pessoas, sentimental, afetiva, dependente, incapaz de lidar com assuntos do mundo público; por oposição à concepção de mulher, o homem era concebido como naturalmente forte, protetor, racional, apto às atividades do mundo público, podendo chegar a se definir como bruto e machão. Esta distinção entre os universos masculino e feminino foi visível nos discursos dos entrevistados desta geração. Para os homens, a grande preocupação que tinham no início de suas vidas adultas era com o trabalho – embora isso estivesse diretamente relacionado com a centralidade da família em seus projetos de vida. Eles buscavam uma profissão que lhes trouxesse ganhos financeiros suficientes para sustentar uma família.

Já para as mulheres, suas grandes preocupações giravam em torno da expectativa de se casarem e, então, terem filhos. Elas não se preocupavam em investir em uma profissão que lhes trouxesse ganhos financeiros. O estereótipo da mulher “mãe-esposa-dona-de-casa”, a “rainha do lar”, estava tão arraigado no imaginário social que marcou inclusive sua entrada na universidade. Acreditava-se que os conhecimentos adquiridos por meio da passagem pela universidade, como, por exemplo, o conhecimento de diversas línguas estrangeiras, de modalidades artísticas, de teorias pedagógicas e psicológicas, etc., pudesse incrementar sua função mais importante: a de “rainha do lar”.

Fazia-se, assim, clara distinção entre os papéis femininos e masculinos na sociedade, o que legitimava uma distribuição desigual de poderes entre homens e mulheres na sociedade e na família. Esta desigualdade de poderes veio a ser alvo de contestação em movimentos sociais protagonizados pelas pessoas desta geração, dentre os quais se destacam o movimento contra a ditadura, o movimento

da contra-cultura e o movimento feminista. Por isso, nos discursos de alguns dos entrevistados já se viam as marcas de um questionamento dos padrões instituídos, visando à modernização das relações políticas, sociais e familiares no Brasil, o que pode ser entendido como reflexo da intensificação da disseminação de valores individualistas na sociedade. As transformações daquilo que era almejado por um segmento desta geração faziam parte do processo de afirmação do indivíduo como um valor central na configuração da sociedade, o que tornava mal vistas quaisquer formas de distinções baseadas em posicionamentos ou categorias sociais. Tratava-se, justamente, da renúncia a institucionalizações, concebendo-as como formas de englobamento do indivíduo pelo todo social.

A rígida distinção dos papéis sociais designados para homens e mulheres na sociedade sustentava uma concepção de família que tinha como centro o casal, sendo este definido como núcleo composto por um homem – o provedor da família – e uma mulher – a rainha do lar. Fazia parte deste padrão de família a distinção e a complementaridade dos papéis dos cônjuges, ficando a cargo das mulheres as funções domésticas e dos homens a atuação no mundo público.

Também foi observado na análise das entrevistas com as pessoas desta geração o fato de que havia entre elas a expectativa de que os casamentos durassem para a vida toda, fazendo correspondência à indissolubilidade do casamento prevista pelo padrão social. Isso influenciava tanto as trajetórias de vida dos indivíduos quanto a forma como se concebia família. Primeiro, porque as trajetórias de vida das pessoas eram projetadas para que vivessem juntos com seus companheiros/suas companheiras para sempre, criando seus filhos e envelhecendo um ao lado do outro; a mulher cumpriria seu papel de mãe-esposa-dona-de-casa e o homem protegeria e proveria a família. Segundo, porque, acreditando na durabilidade do casamento, configurava-se um tipo de família, a “família feliz”, composta pelo casal e seus filhos, dentro do qual a dependência financeira da mulher em relação ao seu marido e a desigualdade de poder entre eles não era um problema. Nessa concepção, era o casal que fundava a família: os planos de constituir uma família iniciavam-se, geralmente, com planos de casamento.

Nos discursos dos entrevistados desta geração, verificou-se também o impacto da experiência do divórcio nesse contexto em que se previa a durabilidade dos casamentos, tendo como modelo a “família feliz”. O advento do divórcio foi um importante marcador de rupturas com aquele padrão de trajetórias

de vida e de família até então instituídos. Ele colocou em questão a forma como se distinguiam os papéis masculinos e femininos na sociedade, identificando mulher como “rainha do lar” e homem como “provedor da família”; colocou em questão também a forma como se distribuía o poder na família, deixando a mulher em posição de dependência econômica do marido; e levou à necessidade de que homens e mulheres buscassem sua autonomia e independência financeira.

Isso abriu caminhos para que as mulheres produzissem uma nova representação de si, podendo ser independentes do marido e realizadas na vida profissional, o que se desdobrou, em um segundo momento, na produção de uma nova representação de si para os homens, mais sensível, afetivo e presente na vida familiar. Vivia-se, assim, o processo de abertura das relações familiares ao igualitarismo.

Todas essas mudanças foram desdobramentos do movimento de contestação dos padrões sociais e de abertura de caminhos para a individualização da sociedade, vivido pelas pessoas desta geração. Colocar sob questionamento a “naturalidade” com que se correspondia aos padrões de trajetória de vida e de família sinalizava um afastamento das instituições e o maior atravessamento de valores individualistas na sociedade. Assim, introduziu-se para esta geração, ainda que discretamente, a reflexividade na decisão de se casar, indicando o começo de uma abertura a escolhas e a diferentes possibilidades de vida aos indivíduos. Nesse contexto, estava em jogo também uma mudança no laço social, o qual, a partir de então, haveria de propiciar aos indivíduos pertencimento à sociedade, mas com possibilidades de que fossem livres para manobrar seus destinos e para serem “eles mesmos”.

Nos discursos das pessoas da geração mais jovem entrevistadas, que têm entre 27 e 34 anos, estão marcadas repercussões de todas essas transformações vividas pelas pessoas da geração anterior. Uma dessas repercussões é a maior semelhança dos discursos de homens e mulheres desta geração, com uma maior proximidade entre as preocupações e os desejos de homens e mulheres.

Verificou-se, por meio da análise dos discursos, que, hoje, homens e mulheres são igualmente preocupados com sua independência financeira e realização profissional. A família não ocupa mais o centro de suas trajetórias de vida imaginadas. Nos seus planos, ter filhos e constituir família vêm depois de se alcançar a estabilidade profissional e financeira, tanto para homens como para

mulheres, o que é bastante diferente dos discursos das pessoas da geração mais velha, cujas trajetórias de vida eram moldadas tendo como finalidade a constituição de uma família.

A diminuição das assimetrias de gênero, com a maior proximidade entre os universos do homem e da mulher, observada nos discursos das pessoas da geração mais jovem entrevistadas, talvez se explique por outra mudança: a mudança na expectativa de longa duração dos casamentos. Os jovens-adultos entrevistados acreditam que o fim dos relacionamentos amorosos é uma realidade bastante provável. A experiência de ver, em suas famílias ou em outros grupos sociais, tantas pessoas casadas se separando provocou uma descrença geral nos casamentos eternos de antigamente, os quais ocupavam o centro da concepção de família. Isso interferiu em suas formas de conceber família. Afinal, como imaginar uma família sem acreditar na estabilidade do casal? É possível pensar em uma família conjugal “instável”? Qual será a importância do casal na constituição de uma família?

Num contexto marcado pela diversificação cultural, diminuição do peso das instituições, encontrou-se nos discursos dos entrevistados desta geração a palavra “liberdade” muitas vezes repetida como algo muito valorizado e necessário em suas vidas. “Liberdade”, na contemporaneidade, pode ser a palavra que neutraliza o peso que as normas, os padrões, as obrigações da complementariedade de papéis e dos vínculos eternos de antigamente colocam sobre os indivíduos. Para os entrevistados desta geração, num relacionamento amoroso é preciso que se compreenda e respeite o direito à liberdade de todo ser.

A liberdade na vida das pessoas significa individualização das trajetórias de vida, rompimento com obrigações de corresponder a um modelo socialmente imposto. Na contemporaneidade, instituem-se trajetórias de vida despadronizadas, ou pelo menos formadas por padrões pouco rígidos. Essa despadronização faz com que os papéis familiares não ocupem necessariamente o centro das identidades dos indivíduos, e que haja diferentes formas de cada um se realizar pessoalmente.

Filhos são muito desejados por esta geração. Quando perguntados sobre o desejo de terem uma família, os entrevistados frequentemente responderam: “ah, filhos eu quero ter”. Contudo, esta pesquisa indicou que as mudanças referentes à vida do casal, desde as últimas décadas, alteraram fortemente o contexto dentro do

qual o nascimento dos filhos era imaginado. Diferentemente das pessoas da outra geração, que esperavam filhos para depois do casamento, a maioria dos entrevistados desta geração diz desejar filhos como um projeto individual e não necessariamente atrelado à pré-existência de uma vida conjugal estável – embora a presença do parceiro seja certamente desejável, apesar de bastante difícil. Foi recorrente a idéia de ter filhos como busca de uma experiência pessoal. A presença do parceiro foi imaginada como alguém com quem se poderia dividir os cuidados e responsabilidades com a criança, o que seria certamente o mais desejado, porém o mais difícil de ser realizado.

A idéia de ter filhos pode ter o sentido de ter uma família, mesmo que nela não haja um casal estável como centro. Parece estar ocorrendo, no cenário atual, uma mudança nos padrões e concepções de família, uma vez que as instabilidades da vida conjugal dificultam a que o casal “estável” continue sendo o núcleo fundador da família. Se os relacionamentos amorosos não se sustentam por muito tempo e não dão mais suporte a uma concepção de família, ou seja, estando abalada a estrutura de uma família baseada na estabilidade do casamento, então surge uma outra concepção de família na qual os filhos ocupam um lugar muito importante.

A análise dos discursos apontou, por fim, que “família”, não importa sua configuração, continua sendo importante para as pessoas da geração mais jovem, como era para as pessoas da geração mais velha entrevistadas. As relações estabelecidas com pessoas da família, seja com seus pais, irmãos, filhos, tios, primos, avós, etc., continuam sendo importantes para que os indivíduos se sintam amparados e reconhecidos ao longo de suas trajetórias de vida, ainda que o processo de individualização venha pressionando para que as relações familiares deixem de ocupar o centro no desenrolar da vida das pessoas.

A reafirmação da importância das relações familiares para os indivíduos da contemporaneidade talvez esteja relacionada à posição de vulnerabilidade que eles experimentam em um cenário de aprofundamento das relações individualistas. Em um contexto marcado pelo afrouxamento dos laços sociais e por maiores possibilidades de manobra dos indivíduos sobre suas vidas, as relações familiares se constituem em uma importante rede de suporte e uma garantia de segurança para os indivíduos.

A articulação inviolável entre padrões de trajetória de vida e de família faz com que antigas concepções de família mostrem-se, hoje, também vulneráveis, por terem suas bases estremecidas em função das transformações dos valores da sociedade e das instabilidades que recaem sobre os indivíduos. Afinal, as configurações de família, os discursos que atravessam a família e as funções socialmente atribuídas à rede familiar não são fixas nas sociedades, mas sim constituídas histórica e socialmente. Portanto, o universo das relações familiares também sofre os efeitos da vulnerabilidade que atinge os indivíduos no processo de transformação dos laços sociais contemporâneos.

É importante ressaltar, por fim, que, embora esta pesquisa aponte a ocorrência de transformações significativas nos padrões de trajetórias de vida e nos planos de constituir família para as duas gerações, é importante assinalar que não é o caso de se conceber de modo dicotômico as realidades de hoje e de algumas décadas atrás, como se houvesse um “antes” e um “depois” inteiramente superados e separados. Observou-se que o processo de mudança social é permeado de “permanências”, de ambivalências, de contradições, marcado por avanços e retroprocessos concomitantes. Isso ficou evidente nos discursos das pessoas das duas gerações. Algumas pessoas da geração mais velha eram muito influenciadas pelos valores da geração de seus pais, produzindo discursos muito voltados para os valores mais tradicionais daquela época. Também, certas pessoas da geração mais jovem entrevistada tinham um discurso fortemente marcado por referências tradicionais, que faziam parte da cultura de seus pais. Então, para ambas as gerações pesquisadas, mudanças e permanências de valores e padrões se apresentaram concomitantemente, assinalando contradições e complexidades no processo de mudança social.

Assim, disse Lígia (33 anos, solteira), “*Eu sempre quis ter filhos. (...) Filhos. Família. Marido, não. Assim, marido, se ele existir, pra mim é 100% melhor (...)*”. 100% melhor não é 10% melhor e nem 50% melhor. É de fato uma cifra significativa, que pode indicar que em seu discurso moderninho esconde uma valorização paradoxal de uma referência tradicional. Com isso, verifica-se que padrões de trajetórias de vida e de família não se transformam linearmente no tempo. Eles se transformam, antes, na medida em que vão incorporando novos valores e agregando-os às velhas referências.

Assim, conclui-se a discussão dos resultados desta pesquisa. Acreditamos que as reflexões tecidas ao longo deste estudo tenham contribuído para elucidar a profundidade das transformações do mundo contemporâneo. Consideramos que pesquisas sociais são enriquecedoras das práticas clínicas, seja a clínica individual ou a de família, pois propiciam uma atualização do universo de questões que se apresentam na vida das pessoas. Isso evita que a prática clínica acabe se tornando alheia à forma dinâmica com que as queixas, os problemas, os mal estares e as relações se constituem.

Este estudo aponta para a necessidade de realização de outras investigações, a fim de dar continuidade à avaliação das transformações nas trajetórias de vida e na família no cenário atual. Investigações que contemplem, por exemplo, discursos produzidos por pessoas que estejam engajadas em uma relação amorosa estável, para, assim, verificar até que ponto os resultados encontrados neste estudo, principalmente no que diz respeito à expectativa de fragilidade dos casamentos, não se referem apenas ao universo daquelas pessoas que não estão envolvidas em um processo de formalização da relação conjugal; estudos que investiguem estas questões em outras regiões do Brasil, onde as relações são atravessadas por valores individualistas de forma mais discreta; estudos que enfoquem também os mal estares e as dificuldades que possam estar sendo produzidas por tensões advindas da inserção do indivíduo em um contexto marcado pela intensa transformação de padrões sociais.